



GT 50. Gênero, ciência e natureza

Coordenador(es):

Jane Araújo Russo (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Fabíola Rohden (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 1

Debatedor/a: Marcos Castro Carvalho (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 2

Debatedor/a: Daniela Tonelli Manica (Unicamp)

Tradicionalmente, a oposição Natureza X Cultura pressupunha a ideia de uma seara própria da Natureza, em oposição às produções vindas da sociedade, aí incluídas a ciência e a tecnologia. A “volta” à natureza seria também o afastamento da tecnociência. Assiste-se atualmente a uma curiosa bricolagem, que articula o alto valor atribuído à Natureza com a atribuição de um valor igualmente elevado ao discurso científico e à biotecnologia. No escopo desse embricamento, a concepção de um corpo natural não se opõe à possibilidade de treinamento e/ou transformação biotecnológica. Ao contrário, o discurso acerca de um corpo natural (pré-social, biologicamente pré-dado) se acopla ao discurso das evidências científicas, a Natureza sendo vista como passível de aprimoramento. A proposta do GT é acolher discussões que englobem novas configurações ideológicas e novas construções corporais que tratem da articulação entre gênero, ciência e natureza, colocando como possibilidades: tecnologias e adestramento em experiências de gestação e parto; hormônios como agentes na construção do gênero; transformações corporais via recursos cirúrgicos e farmacológicos; reconfigurações da natureza no campo das biotecnologias.

Regulação do ?corpo? em uma cena da Rio 2016: entre hormônios e rendimentos

Autoria: Barbara Gomes Pires (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

A partir da descrição de uma cena dos Jogos Olímpicos de 2016, no Rio de Janeiro, espera-se esmiuçar algumas relações, organizações e valores que permeiam a regulação da elegibilidade da categoria feminina no esporte de alto rendimento. Nesse sentido, o corpo aparece como lugar privilegiado de inscrição e de análise. Ao longo do tempo, corpos com variações intersexuais foram escrutinados, banidos e/ou corrigidos para a participação na elite esportiva internacional. Então vamos acompanhar esse contexto (científico, social e institucional) que envolveu a vitória da sul-africana Caster Semenya na modalidade dos 800 m feminino para compreender a persistência de um modo particular de gestão dos corpos na vida contemporânea. As maneiras de conceber, mensurar e regular determinados corpos mobilizam estratégias antigas e parâmetros normativos que podem legitimar ou debilitar os sujeitos, dentro e fora do mundo esportivo, de tal maneira que incorporar um certo saber hormonal na regulação de feminilidade não serve apenas para entendermos como processos técnicos e científicos materializam-se em políticas e administrações de várias institucionalidades, mas como também definem os próprios limites em que esses corpos ? sexuais e atléticos ? continuam a ser implicados num ordenamento mais largo tanto sobre a integração quanto sobre a proteção social.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: